

# Refletir para julgar

**Josaphat Marinho**

É difícil julgar Jânio Quadros hoje, com isenção e segurança. Sobrevivem muitos dos que participaram de sua campanha presidencial e sofreram efeitos de seus atos de governo. A renúncia dele, sobretudo, surpreendendo a Nação, frustrou esperanças e perturbou carreiras políticas. Além disso, sua instabilidade política, refletida principalmente no desprezo pelos partidos, gerava desconfianças e irritação. E tempo, porém, de fixar-lhe a imagem para a oportuna apreciação da História.

Surgindo e vencendo na política, de vereador a deputado estadual, prefeito e governador, representante federal e presidente da República, sem padrinho nem chefe, tal situação desgostava e ameaçava lideranças consolidadas e nascentes. Maior era o descontentamento ou o receio porque o jovem sem tradição, e despreocupado com o vestuário, revelava imenso poder de empolgar as massas populares. O desgosto de uns e o temor de outros convertiam-se em inquietação permanente de muitos, visto que o mato-grossense plebeu, numa quadra de abandono da pureza da linguagem, falava português correto. E mais: o povo o entendia, com entusiasmo.

Palavras, gestos, afirmações, promessas do candidato rebelde ao passado e às forças convencionais compunham-lhe o perfil de novidade, gerador de carisma. O vigor da propaganda de Jânio atravessava fronteiras partidárias, desfazendo-as, e

rompia resistências ideológicas e de idade. Sem um ideário definido, dominava por declarações e atos de firmeza e repercussão. Ao disciplinar o viciado uso de carros oficiais, toda gente acreditou na correção instituída. Velhos motoristas habituados ao abuso passaram a pedir as ressalvas ou licenças necessárias, para que pudessem circular fora do expediente, sem risco de sanção. Funcionários que já não sabiam o caminho das repartições voltaram a frequentá-las, temendo punição e sob o olhar zombador de companheiros assíduos. As advertências aos excessos do poder econômico criavam esperanças entre os assalariados e a classe média. A política externa independente abalava a convicção de intelectuais e de jovens, que não lhe haviam conferido o voto. A ressonância da moralidade e da eficiência administrativa espancava vícios e movimentava processos de interessados anônimos.

Despachar com o presidente era certeza de decisão pronta. Detestava reter papéis ou submetê-los a pareceres demorados. Lendo a informação ou exposição, ou ouvindo sua leitura, ditava, em seguida, o despacho à secretária. Enquanto esta traduzia o texto, examinava outra matéria. Ao fim, tudo estava resolvido. Assim foram sempre solucionados os assuntos do Conselho Nacional do Petróleo, que teve a honra de presidir no seu governo. Mas o singular poder de decisão não se confundia com teimosia ou arbítrio. Diante de ponderação fundamentada, mudava de entendimento. O que

não tolerava era a resistência da rotina ou da burocracia.

Talhado, pelo temperamento enérgico e por invulgar visão do interesse público, a ordenar a sociedade brasileira sem violência, a renúncia repentina e inexplicada prejudicou-lhe a imagem. A individualidade polêmica, porém reconhecidamente de apelo popular e realizadora, tornou-se alvo de crítica suspeitosa de tentativa golpista. Não há prova de que tal fosse a intenção do resignatário. Nem justificam essa presunção suas vitórias eleitorais, alicerçadas no voto popular. Certo é, porém, que a dúvida persiste em parte da população. Somente o tempo, e à luz de documento, porventura existente e até agora desconhecido, poderá esclarecer a verdade. Parece, contudo, que faltou o conselho experiente e da prudência, na hora decisiva. Tudo indica que faltou a colaboração que contraria para o bem.

Já agora, recolhido Jânio Quadros ao silêncio definitivo, cumpre coligir os dados conhecidos, e os que vierem a ser publicados, para a análise serena do historiador. Um ponto relevante, entretanto, está fixado com o exemplo do combatente morto: mesmo na sociedade desigual e competitiva de nosso tempo, o homem comum, destituído de privilégios, pode partir da planície e alcançar o cimo da política, com a força do talento e o prestígio da soberania popular.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia